

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo

Class.: Noticiário

Data: 21/09/80

Pg.: 600

Sem recursos, malogra ação contra a cocaína

MANOEL LIMA
Correspondente em Manaus

A falta de recursos financeiros e de apoio dos organismos ligados ao setor levarão a Polícia Federal a suspender a "Operação Cocaína", iniciada há dois meses e que culminou com a descoberta de uma importante rede internacional de traficantes que agia na Amazônia desde 1970. Neste período, instalou em Manaus sofisticados laboratórios para a extração do cloridrato de cocaína e exportou para os Estados Unidos e países da Europa cerca de três toneladas da droga. Como se não bastasse a falta de recursos e de meios para deslocar seus agentes à captura dos traficantes que ainda se encontram em liberdade, a Polícia Federal viu agora a sua ação prejudicada com o relaxamento da prisão preventiva do traficante José Augusto Basílio, o *Padeirinho*, tido como um dos chefes da rede. Essa situação de crise financeira da Polícia Federal pode estimular os traficantes a reorganizarem a rede, explorando novas rotas, a partir da existência de plantios de cocaína cultivados na região do Alto Rio Negro.

Essa situação está impedindo também a Polícia Federal de organizar uma expedição à região do Rio Negro, na fronteira com a Colômbia. Onde só é possível se chegar de avião ou helicóptero, para avaliar os plantios de *epadu*, uma planta que os índios maku e uanapixuna cultivam e usam em seus rituais. No entanto, examinada em laboratórios especializados, constatou-se que a planta era *eryroxilum coca lamk* — uma variedade de coca cultivada nas regiões andinas da Bolívia. O *epadu*, nome indígena que significa "força bruta", existe em grande quantidade em estado natural na região do Rio Negro. Segundo a Polícia Federal, os indígenas da região estão sendo induzidos por traficantes a cultivarem a planta em larga escala. O superintendente do DPF, Ivo Americano, lamenta-se diante da falta de recursos para prosseguir com a "Operação Cocaína" e teme que essa deficiência possa levar os traficantes a se reorganizarem em pouco tempo e passarem a explorar os plantios do *epadu*. "Para tomar medidas drásticas contra o tráfico de cocaína na Amazônia", diz Ivo Americano, "é necessário muito dinheiro. E isso nós não temos". A ausência de recursos de toda ordem — material, humano, financeiro e logístico — impediu que a Polícia Federal prendesse os mais importantes traficantes, principalmente Arlindo de Oliveira Cabral, que mantinha um grande laboratório para a transformação da cocaína em pó, e que se encontra hoje em Santa Cruz de La Sierra. Arlindo Cabral era quem transformava a maior parte da cocaína e o grande exportador da droga para os Estados Unidos. "Os traficantes têm tudo para agir na região" — observou Ivo Americano. "Conhecem a Amazônia, têm dinheiro e recebem a cobertura de gente importante."

Utilizando todos os meios de locomoção, a rede de traficantes não encontrou dificuldades para instalar seu QG na Amazônia e pontos de apoio no interior do Amazonas. Um mapa apreendido em poder dos traficantes presos indicava que a rede utilizava várias rotas, nos mais diferentes pontos da Amazônia, para introduzir a cocaína em pasta e transformá-la em pó. O ponto de convergência da rede era Manaus e Mougín, um vilarejo



Na Amazônia, as diversas rotas dos traficantes

abandonado na margem direita do rio Negro, a 150 quilômetros de Manaus. A cocaína era transportada da Bolívia, através da fronteira com a Rondônia, até Guarajá-Mirim. De lá, de carro ou de avião, utilizando as "mulas" (transportadores) chegava aos laboratórios instalados em Manaus e em Moura. De Manaus, após ser transformada em pó, a droga seguia várias rotas: para Letícia, saindo de Moura, ou para Tefé, no Alto Solimões, onde a droga era levada para fora do País, de barco ou em aviões pequenos. Uma outra rota, a partir de Santa Cruz de La Sierra, convergia diretamente para Moura, onde Arlindo Cabral mantinha um grande laboratório a bordo de uma lancha veloz que podia locomover-se quando a rede de traficantes pressentia a aproximação da polícia.

A constância de vôos de aviões pequenos para Moura levou a polícia, por acaso, a descobrir que o centro transformador de cocaína se localizava em algum lugar do rio Negro. Aliado a isto, um pouso forçado de um avião bimotor Aztec boliviano, prefixo CP1502, no lago Xiparu, em Moura, confirmaria as suspeitas da Polícia Federal, segundo as quais Manaus era então o centro irradiador de cocaína do mundo. A partir daí, a ordem foi prender todos os colombianos suspeitos de ligações com a rede de traficantes. Nas residências dos colombianos, a polícia encontrou autênticos laboratórios químicos, onde era transformada a cocaína. O avião bimotor, ao descer no lago Xiparu, transportava 600 quilos de cocaína em pó, que foram retirados da região por caboclos contratados pelos traficantes. O avião ainda se encontra na região, enquanto a FAB e a Polícia Federal tentam resgatá-lo. Mas falta dinheiro para acionar a operação-resgate.

A GRANDE DESCOBERTA

Todas as descobertas feitas pela Polícia Federal sobre o tráfico de cocaína na Amazônia ocorreram quase por acaso. Foi assim com a prisão de 34 traficantes em meados de julho, o pouso forçado do avião boliviano em Moura, em junho, a prisão do trafican-

te José Augusto Basílio, o *Padeirinho* e, finalmente, os plantios cultivados de cocaína no Alto Rio Negro. Uma informação procedente da fronteira com a Colômbia indicava que os índios makus e uanapixunas vinham mantendo transações comerciais estranhas com os colombianos de Mitu e San José Guaviare, trocando grandes quantidades de folhas de *epadu* por materiais agrícolas — facões, machados, moto-serras e motores marítimos, abandonando assim suas roças e a agricultura rudimentar que exploravam. Uma expedição policial foi para a área e constatou grandes plantios de *epadu* nas proximidades das malocas e em grandes clareiras abertas na mata pelo indígenas. Os índios informaram então que plantam o *epadu* para utilizarem como substância emergizante em seus rituais e festas. Diante do interesse dos colombianos pela planta, uma amostra foi mandada para Manaus e, examinada no laboratório do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia — Inpa — mostrou tratar-se de coca, de onde se extrai o cloridrato de cocaína.

Os índios, sem recursos maiores para diversificarem suas lavouras foram facilmente induzidos pelos colombianos a plantarem o *epadu* em larga escala. Hoje, não fazem outra coisa senão plantarem a folhagem que vendem aos traficantes a Cr\$ 1 mil e a Cr\$ 2 mil o saco de 60 quilos. O acesso à região de fronteira é, segundo a Polícia Federal, muito fácil. O rio Papuri que divide o Brasil e a Colômbia é estreito, raso, permitindo que tanto brasileiros como colombianos atravessem a fronteira. Não há qualquer autoridade policial brasileira na área a não ser em Iuareté e Jandiá, onde existem as missões salesianas. E foi em Jandiá, onde habitam os índios uanapixuna que a polícia encontrou grandes plantios de *epadu*. A área onde os índios cultivam a planta é superior a 200 quilômetros quadrados e se localiza na "Cabeça do Cachorro", na parte onde o mapa do Brasil mostra toda a extensão de sua fronteira com a Colômbia e Venezuela.